Lição 8: Contrariedade dos movimentos

715. Após discutir a unidade e a diversidade dos movimentos, o Filósofo agora discute a contrariedade dos movimentos, que é um tipo de diversidade, como é evidente no Livro I da *Metafísica*. Seu tratamento divide-se em duas partes:

Na primeira, ele mostra como compreender a contrariedade no movimento e no repouso;

Na segunda, ele levanta algumas questões sobre tal contrariedade, em 742.

Sobre a primeira, ele faz duas coisas:

Primeiro, resolve o problema da contrariedade do movimento;

Segundo, sobre a contrariedade dos estados de repouso, em 727.

Sobre a primeira, ele faz três coisas:

Primeiro, distingue diferentes maneiras segundo as quais a contrariedade do movimento pode ser considerada;

Segundo, rejeita algumas dessas maneiras, em 717;

Terceiro, atribui a maneira verdadeira pela qual os movimentos e as mudanças são contrários, em 722.

716. Ele diz, portanto, primeiro (530) que agora é o momento de decidir como um movimento é contrário a outro, bem como como o repouso é contrário ao movimento e o repouso ao repouso.

Mas neste tratamento, devemos primeiro distinguir as maneiras segundo as quais a ideia de contrariedade nos movimentos pode ser tomada universalmente. E ele distingue cinco maneiras. A primeira delas é que uma ideia de contrariedade nos movimentos se baseia em um movimento se aproximando de um termo definido e outro se afastando do mesmo termo. E é isso que ele diz: "...se os movimentos contrários são movimentos respectivamente de e para a mesma coisa, por exemplo, um movimento da saúde e um movimento para a saúde". Segundo isso, a geração e o deixar-de-ser parecem ser contrários, porque a geração é um movimento para o ser, e o deixar-de-ser, do ser.

A segunda maneira é que a ideia de contrariedade dos movimentos se baseia na contrariedade dos termos a partir dos quais os movimentos começam. E é isso que ele diz: "...ou movimentos

respectivamente de contrários, por exemplo, um movimento da saúde e um movimento da doença".

A terceira maneira é que a contrariedade dos movimentos se baseia na contrariedade dos objetivos nos quais eles terminam. E é isso que ele diz: "...ou movimentos respectivamente para contrários, por exemplo, um movimento para a saúde e um movimento para a doença".

A quarta maneira é tomar a contrariedade dos movimentos segundo a contrariedade existente entre o início de um e o objetivo do outro. É isso que ele diz: "...ou movimentos respectivamente um de um contrário e o outro para um contrário, por exemplo, um movimento da saúde e um movimento para a doença".

A quinta maneira se baseia na contrariedade por parte de ambos os termos de cada movimento. É isso que ele diz: "...ou movimentos respectivamente de um contrário para o seu oposto e deste para aquele, por exemplo, um movimento da saúde para a doença e um movimento da doença para a saúde".

Agora, a contrariedade entre os movimentos é necessariamente baseada em uma dessas cinco maneiras ou em mais de uma, pois não há outra maneira possível de um movimento ser contrário a outro.

717. Em seguida, em (531), ele rejeita duas dessas cinco:

Primeiramente, a quarta, que baseava a contrariedade na oposição entre o início de um e o objetivo do outro;

Em segundo lugar, ele discute a segunda opinião, que fundamentava a contrariedade na oposição entre o início de um e o início do outro, no parágrafo 716.

Em terceiro lugar, ele conclui como duas das maneiras restantes se relacionam, no parágrafo 721.

Ele diz, portanto, primeiro (531) que um movimento que começa em um contrário não pode ser chamado de contrário a um movimento que tende ao contrário oposto, de modo a dizer que uma mudança da saúde é contrária a uma mudança para a doença. Pois nada é contrário a si mesmo; mas um movimento a partir da saúde é um e o mesmo que um movimento para a doença, embora difiram no pensamento, na medida em que uma mudança a partir da saúde não é a mesma ideia que uma mudança para a doença — pois uma enfatiza o ponto de partida e a outra o objetivo da mesma noção. Consequentemente, a contrariedade do movimento não deve ser tomada do ponto de vista da contrariedade existente entre o início de um e o fim do outro.

718. Em seguida, em (532), ele mostra que a contrariedade não deve ser tomada a partir da contrariedade existente entre os dois pontos de partida de dois movimentos: e isso por três razões, das quais a primeira é a seguinte. Dois movimentos que tendem ao mesmo objetivo não são contrários; mas dois movimentos que partem de contrários podem tender a um único e mesmo objetivo, pois um movimento pode ir tanto para um contrário quanto para o que é intermediário entre os contrários, como será dito mais adiante. Assim, dois movimentos que partem de contrários poderiam terminar no mesmo intermediário. Consequentemente, os movimentos não

são contrários apenas porque começam em termos que são contrários.

719. Ele dá a segunda razão em (533), que é esta. A ideia de contrariedade no movimento deve ser baseada naquilo que torna o movimento mais evidentemente contrário, mas a contrariedade entre os objetivos aos quais os movimentos terminam parece ser uma causa maior de contrariedade nos movimentos do que a contrariedade entre os termos dos quais os movimentos partem. Pois quando digo que os movimentos começam em termos contrários, estou enfatizando a remoção da contrariedade, mas quando digo que os movimentos estão se aproximando de objetivos contrários, estou enfatizando o recebimento da contrariedade. Portanto, a contrariedade dos movimentos não é baseada unicamente nos termos a partir dos quais eles partem.

720. Ele dá a terceira razão em (534) e é esta. As coisas recebem contrariedade daquilo de que tiram seu nome e espécie, pois a contrariedade é uma diferença baseada na forma, como é claro no Livro X da *Metafísica*. Mas todo movimento recebe seu nome e espécie do objetivo mais do que do ponto de partida, assim como curar é um movimento para a saúde e adoecer é um movimento para a doença. Este ponto foi mencionado antes. Portanto, a contrariedade dos movimentos é tomada mais do objetivo do que do termo a partir do qual eles partem. Assim, nossa conclusão é a mesma de antes.

721. Então, em (535), ele conclui que, tendo rejeitado as duas maneiras que eram baseadas na contrariedade dos termos, restam duas outras maneiras, a saber, a terceira e a quinta. Destas, uma é baseada unicamente na contrariedade dos objetivos e a outra na contrariedade de ambos os conjuntos de termos. A maneira #1 não era baseada em nenhuma contrariedade de termos, mas na aproximação e no afastamento do mesmo termo. Ele conclui ainda que talvez essas duas maneiras restantes sejam realmente as mesmas, porque movimentos que tendem a objetivos contrários também partem de contrários; mas talvez não sejam as mesmas em concepção, devido às várias relações que existem entre os movimentos e seus termos, como foi dito acima. Por exemplo, um movimento para a saúde é realmente o mesmo que um movimento a partir da doença, mas diferem em concepção. O mesmo é verdade para um movimento a partir da saúde e um movimento para a doença.

722. Então, em (536), ele explica como tomar a contrariedade no movimento.

Primeiro, quando o movimento tende a um contrário;

Em segundo lugar, quando tende ao intermediário, no parágrafo 726.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele explica o que constitui contrariedade nos movimentos;

Em segundo lugar, nas mudanças, no parágrafo 724.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele explica sua proposição com um silogismo;

Em segundo lugar, por indução, no parágrafo 723.

Quanto ao primeiro, ele dá esta razão em (536): A contrariedade das coisas é baseada em sua natureza específica e definição. Mas a definição específica do movimento é que ele é uma mudança que ocorre de um sujeito definido afirmado para um sujeito definido afirmado e que dois termos estão envolvidos — neste ponto, o movimento difere da mudança, que nem sempre requer dois termos afirmados. Portanto, resta o fato de que para a contrariedade do movimento deve haver contrariedade do lado de ambos os termos. Em outras palavras, um movimento que vai de contrário a contrário é, estritamente falando, contrário a um que é de contrário a contrário; por exemplo, um que é da saúde para a doença é contrário a um da doença para a saúde.

723. Então, em (537), ele prova o mesmo por indução. E primeiro de tudo nas alterações corporais: pois adoecer é contrário a ficar curado. Nesses dois exemplos, o primeiro é da saúde para a doença e o outro da doença para a saúde. Isso também é evidente nas mudanças que ocorrem na alma: pois aprender é contrário a ser levado ao erro (não por si mesmo, mas por outro). Esses dois movimentos também são de contrários para contrários, porque aprender é um movimento da ignorância para o conhecimento, e ser enganado é do conhecimento para a ignorância.

Ele diz "não por si mesmo", porque, assim como, no caso do conhecimento, é possível que uma pessoa o adquira por si mesma (e isso é chamado de "descoberta") ou com a ajuda de alguém (e isso é chamado de "aprendizado"), também pode acontecer que uma pessoa seja levada ao erro às vezes por si mesma e às vezes por outro. É este último que é propriamente oposto ao aprendizado.

Continuando, tomamos um exemplo do movimento local: pois um movimento para cima é contrário a um para baixo (e estes são contrários em relação ao comprimento); um movimento para a direita é contrário a um para a esquerda (e estes são contrários em relação à largura); e um movimento para a frente é contrário a um para trás (e estes são contrários em relação à profundidade).

Observe, porém, que Aristóteles fala aqui das diferenças de posição aplicadas ao homem: pois o alto e o baixo são medidos em relação à altura do homem; a esquerda e a direita, em relação à sua largura; a frente e o trás, em relação à sua espessura, chamada de altura ou profundidade.

Além disso, deve-se notar que, mesmo nos movimentos naturais, há uma contrariedade baseada no alto e no baixo; mas quanto à direita e à esquerda, ou à frente e ao trás, a contrariedade não é segundo a natureza, mas segundo movimentos que se originam da alma, a qual possui movimentos nessas direções contrárias.

724. Então, em (538), ele mostra como há contrariedade nas mudanças.

Primeiro, ele explica como considerar a contrariedade da mudança nas coisas em que a contrariedade é encontrada;

Em segundo lugar, como considerá-la nas coisas em que não há contrariedade, em 725.

Ele diz, portanto, primeiro (538) que, se a contrariedade é tomada meramente a partir do objetivo, de modo que aquilo que tende a um contrário é dito ser contrário, tal processo não constitui contrariedade de movimento, mas de mudança, que é geração e corrupção, assim como tornar-se

branco e tornar-se preto são contrários. Agora, a contrariedade desses exemplos de geração não se baseia na contrariedade do ponto de partida; porque, na geração, o ponto de partida não é algo afirmado, mas algo negado, pois o branco vem a ser a partir do não-branco e não de algo afirmado. Pois uma mudança de sujeito para sujeito não é mudança, mas movimento.

Então, em (539), ele mostra que, nas coisas em que não há contrariedade, por exemplo, nas substâncias e similares, a contrariedade da mudança é baseada na aproximação e no afastamento do mesmo termo, como o acesso à forma do fogo, que pertence à geração do fogo, e o afastamento da mesma forma, que pertence à sua corrupção, são contrários. Portanto, a geração é contrária à corrupção, e qualquer perda é contrária a qualquer ganho. Mas estas são mudanças, não movimentos.

É evidente, portanto, que, das cinco maneiras listadas acima, a segunda e a quarta são inúteis; uma das restantes é adequada para conhecer a contrariedade dos movimentos, e as outras duas são adequadas para a contrariedade das mudanças.

726. Então, em (540), ele decide sobre a contrariedade do movimento do ponto de vista do intermediário entre os contrários. E diz que, onde quer que um par de contrários admita um intermediário, os movimentos para esse intermediário devem ser considerados como sendo de alguma forma movimentos para um ou outro dos contrários, pois o intermediário serve como um contrário para os propósitos do movimento, não importa em que direção a mudança ocorra. Por exemplo, o cinza, em um movimento do cinza para o branco, ocupa o lugar do preto como ponto de partida, mas em um movimento do branco para o cinza, ocupa o lugar do preto como objetivo. Pois o meio é, de certa forma, oposto a qualquer um dos extremos, como foi dito acima.

Finalmente, ele conclui o que principalmente pretendia; a saber, que os movimentos são contrários uns aos outros apenas quando um é um movimento de um contrário para o contrário oposto e o outro é um movimento deste último para o primeiro.

Revision #2
Created 27 September 2026 18:32:39 by Admin
Updated 1 October 2026 23:48:24 by Admin